



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10304 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**A CRECHE COMO UM LUGAR PARA E DOS BEBÊS: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS AÇÕES E A(S) MATERIALIDADE(S)**

Ana Julia Lucht Rodrigues - UFPR - Universidade Federal do Paraná

**A CRECHE COMO UM LUGAR PARA E DOS BEBÊS: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS AÇÕES E A(S) MATERIALIDADE(S)**

### **Resumo**

O presente trabalho trata das práticas culturais-materiais dos bebês a partir de uma pesquisa de cunho etnográfico realizada com bebês de 13 a 23 meses em uma instituição pública de Educação Infantil de Curitiba (PR). Ao longo da investigação buscou-se compreender a forma como ocorre o processo de construção do espaço da creche a partir da análise das ações dos bebês em suas relações com as materialidades. Ela sustentou-se em registros no diário de campo, fotografias, vídeos e entrevistas, assim como na realização de um inventário dos materiais disponíveis na instituição. A partir de uma perspectiva interdisciplinar, as análises sustentaram-se no diálogo com a Pedagogia, os Estudos da Infância, a Geografia e a Antropologia. Como resultados, foi possível observar a forma como a creche se constitui em um lugar *para* os bebês a partir da organização dos espaços e da seleção dos materiais que são disponibilizados para eles e a sua transformação em um lugar *deles* a partir do perambular, do uso funcional das coisas e do brincar. A(s) materialidade(s) convocam uma reflexão acerca da dimensão material da experiência humana e da constituição da creche enquanto campo de possibilidades.

**Palavras-chave:** Materialidade. Brinquedo. Espaço. Creche. Bebês.

**A CRECHE COMO UM LUGAR PARA E DOS BEBÊS: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS AÇÕES E A(S) MATERIALIDADE(S)**

O trabalho trata das práticas culturais-materiais dos bebês a partir de uma pesquisa de cunho etnográfico realizada com bebês de 13 a 23 meses em uma instituição pública de educação infantil de Curitiba (PR) entre março e novembro de 2019. Ao longo da pesquisa, buscou-se compreender a forma como o espaço se constrói a partir da análise das ações dos bebês em suas relações com as materialidades. Dá-se destaque ao processo de construção da

creche como um lugar *para* os bebês a partir do contínuo processo de transformação do espaço e de constituição do acervo material ao largo do tempo, assim como um lugar *dos* bebês a partir de suas ações: o perambular, o uso funcional das coisas e o brincar.

### **Marco teórico e percurso metodológico**

A partir dos estudos em educação e por meio do diálogo com a geografia (LEFEBVRE, 1991; MASSEY, 1994, 2005; SANTOS, 2014), a antropologia (GOTTLIEB, 2009; INGOLD, 2011; MILLER, 2005), e os estudos da infância (CORSARO, 2011; JAMES; PROUT, 2005; QVORTRUP, 2010; SARMENTO, 2005), foi possível realizar o exercício de analisar as ações dos bebês de forma ética e enfrentando-se o desafio de traduzir gestos, olhares, movimentos e balbucios, as linguagens dos bebês, em texto escrito e narrativas visuais. Deste modo, ao longo da pesquisa, realizou-se o exercício de reimaginar o espaço e compreendê-lo como uma categoria porosa, dinâmica e em contínua transformação (MASSEY, 2005), provocando o rompimento com uma perspectiva euclidiana, assim como o reconhecimento das coisas (INGOLD, 2011) e da indissociabilidade de aspectos materiais e discursivos, emaranhados materiais-semióticos (SPYROU, 2019).

Deste modo, esse trabalho situa-se no âmbito das pesquisas com bebês, as quais os compreendem como atores sociais que participam do processo de construção do mundo em que vivem ao mesmo tempo em que se constituem a partir de suas experiências com o contexto. As reflexões acerca das infâncias, crianças e bebês atravessam a pesquisa, assim como permitiram que os bebês fossem compreendidos como sujeitos integrantes de uma *categoria intrageracional* que encontra na idade o principal indicador de posicionamento geracional, o qual se constitui a partir de produções arbitrárias e simbólicas advindas dos processos sociais, sendo atravessado por relações de poder. Apesar da ampliação das pesquisas com bebês (BUSS-SIMÃO; ROCHA; GONÇALVES, 2015), eles ainda estão mais ausentes das produções científicas (GOTTLIEB, 2009) e é preciso engajar-se criticamente com conceitos como cultura da infância e cultura material, porque eles foram desenvolvidos sem que os bebês estivessem em voga (ORRMALM, 2020).

A investigação também dialoga com demais produções acerca do espaço na Educação Infantil em âmbito nacional e internacional (CABANELLAS; ESLAVA, 2005; CLARK, 2010; HORN, 2004; PANDINI-SIMIANO, 2014; RUTANEN, 2011; VIEIRA, 2016), assim como com as reflexões sobre espacialidade advindas da geografia da infância (HOLLOWAY; VALENTINE, 2007; KRAFTL; HORTON, 2019; LOPES; VASCONCELLOS, 2006). O levantamento bibliográfico realizado aponta para a necessidade de que a temática do espaço seja revisitada a partir do exercício de reimaginá-lo, sendo necessário explicitar os conceitos que dão sustentação para a sua análise e discussão no âmbito da pedagogia e visibilidade às geometrias de poder que o atravessam. Do mesmo modo, aponta para uma perspectiva dicotômica na qual o espaço é narrado sem menção a sua dimensão material.

A investigação sustentou-se em registros no diário de campo, fotografias, vídeos e entrevistas com a diretora e professoras do grupo do berçário. No decorrer dos nove meses de pesquisa de campo, também foi realizado um inventário dos materiais disponíveis na instituição, sendo catalogados e categorizados cerca de 13.011 itens. Ademais, realizou-se um

estudo exploratório a fim de identificar uma instituição interessada em participar da pesquisa e na qual pudesse ser localizada uma diversidade de materialidades disponibilizadas para os bebês.

### **Um lugar para os bebês**

A diversidade de metodologias empregadas – as narrativas visuais, a categorização do acervo material e as entrevistas -, assim como o processo de escolha do campo de pesquisa, possibilitaram a produção de dados a partir de múltiplos pontos de vista e a construção de um percurso analítico comprometido com a perspectiva dos bebês acerca dos seus mundos de vida. A análise dos dados, em contínuo confronto com o marco teórico estabelecido, permitiu observar a forma como o acervo material da instituição e o próprio desenho do espaço está em relação com processos globais e processos vinculados ao território.

Nesse sentido, observou-se que uma imagem universal da criança, e do bebê, como sujeitos marcados pela falta e determinados por processos de desenvolvimento rígidos restritivos, implicou na massiva presença do plástico (67%) e de materiais produzidos industrialmente e em larga escala (70,57%). A ausência do poder público na garantia da manutenção da infraestrutura e renovação do acervo, por sua vez, implica na dificuldade de gestão dos recursos destinados à instituição, os quais precisaram ser destinados especialmente à manutenção e produtos de higiene. Contudo, a constituição do espaço da creche como um lugar para os bebês também é marcada pela forma como os/as profissionais que atuam na instituição ressignificaram os espaços e promoveram um uso criativo dos objetos, ainda que constringidos por processos globais e políticas locais.

É a ação destes/as profissionais que garantiu uma diversificação do acervo e o acesso dos bebês a materialidades diversas: materiais produzidos para uso adulto e reutilizados na creche como materiais não-estruturados, elementos naturais, produtos locais e uma variação na matéria (madeira, tecido, palha, metal, silicone, dentre outros). Do mesmo modo, é a organização destes materiais no cotidiano e as condições que os bebês encontram para se depararem com eles que permite que a creche, como este lugar *para* os bebês, se transforme em um lugar *deles* a partir de suas experiências cotidianas, sempre vinculadas a uma dimensão material.

### **Um lugar dos bebês**

Em campo e a partir da relação construída com os bebês, foi possível notar a forma como eles se colocavam em relação com o outro, consigo mesmos e com as coisas de diferentes maneiras. As diversas materialidades com as quais se deparavam possibilitavam que eles construíssem diferentes maneiras de colocar-se em relação com o espaço e o transformassem em um lugar deles. Da mesma forma, o reconhecimento de que a materialidade é uma dimensão constituinte do sujeito, nos move a reconhecer que ela não os precede, mas integra-se em suas ações.

O perambular surge como uma forma de experienciar o espaço e o movimento. Um movimentar-se pelo qual os bebês expressam a potência da descoberta de si. Este divagar pelo espaço, em uma exploração de si e de construção do lugar a partir das marcas afetivas, nos

move a reconhecer o inusitado como elemento constituinte do espaço e acolher as práticas autotéticas (com um fim em si mesmas) postas em ação pelos bebês. O corpo é expressão e símbolo, assim como sua materialidade excede a representação.

O uso funcional das coisas, por sua vez, aponta para a forma como eles interpretam os significados culturais associados aos artefatos e para suas apropriações dos rituais para escolherem a forma como irão colocar-se em relação com o mundo. Nessas situações, eles manifestam sua compreensão do contexto e optam por fazer um uso convencional das coisas, do mesmo modo, as reutilizam com funções distintas das quais o objeto foi criado, para que possam inseri-las em suas próprias produções simbólicas.

O brincar aponta para a forma como os bebês jogam com aspectos materiais e simbólicos, sendo necessário compreender as brincadeiras como práticas situadas culturalmente, temporalmente e socialmente. Do mesmo modo, a matéria também provoca mudanças no brincar, mobilizando sentidos produzidos no próprio ato de brincar. A continuidade das brincadeiras assim como sua transformação a partir da entrada de outros bebês e materialidades tornam-se visíveis ao interpretarmos ritmos, pausas e recomeços a partir da perspectiva dos bebês.

### **Considerações finais**

A análise de suas práticas culturais-materiais nos ajuda a compreender que o lugar pode ser compreendido como um momento específico e dinâmico dentro do espaço produzido. São formas de colocar-se em ação que se entrelaçam e que são discutidas e analisadas separadamente para que possam ser destacados aspectos específicos que as concernem. Ao assumirmos o dinamismo das relações e a multiplicidade do espaço, passamos a compreender que tanto o lugar quanto o espaço são fruto de práticas materiais ativas (MASSEY, 2005) e que ambos estão em permanente transformação por meio dos contínuos entrelaçamentos entre sujeitos e coisas. A experiência educativa é uma experiência material e os bebês produzem lugares ao continuamente se colocarem em relações com as coisas e o outro a partir de suas práticas culturais-materiais.

Assim, falar em um lugar *para* os bebês significa reconhecer que ele não é determinante das experiências das crianças, configurando-se como campo de possibilidades. Ademais, no âmbito de atuação profissional, e sempre compreendendo a pesquisa em educação como praxiológica, é preciso acolher o dinamismo e o movimento dos bebês para que ele tenha o potencial de se transformar em um lugar *deles*.

### **Referências**

- BUSS-SIMÃO, Márcia; ROCHA, Eloisa Acires Candal; GONÇALVES, Fernanda. Percursos e tendências da produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos na Anped. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 96, n. 242, p. 96–111, 2015.
- CABANELLAS, Isabel; ESLAVA, Clara. **Territorios de la infancia: diálogos entre arquitectura y pedagogia**. Barcelona: Graó, 2005.
- CLARK, Alison. **Transforming children's spaces : children's and adults' participation in designing learning environments**. Routledge, 2010.

- CORSARO, William A. O estudo sociológico da infância. *In: Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 13–72.
- GOTTLIEB, Alma. Para onde foram os bebês? Em busca de uma antropologia de bebês (e seus cuidadores). **Psicologia USP**, v. 20, n. 3, p. 313–336, 2009.
- HOLLOWAY, Sarah L.; VALENTINE, Gill. Spatiality and the New Social Studies of Childhood. **Sociology**, v. 34, n. 4, p. 763–783, 2007.
- HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- INGOLD, Tim. **Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description**. Abingdon/ New York: Routledge, 2011.
- JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and reconstructing childhood: Contemporary Issues in the Sociological Study of Childhood**. Washington: Taylor & Francis e-Library, 2005.
- KRAFTL, Peter; HORTON, John. Children’s Geographies and the “New Wave” of Childhood Studies. *In: SPYROU, Spyros; ROSEN, Rachel; COOK, DANIEL THOMAS (org.). Reimagining Childhood Studies*. London: Bloomsbury, 2019. p. 105–122.
- LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford/ Cambridge: Basil Blackwell, 1991.
- LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia De. Geografia da infância: Territorialidades Infantis. **Currículos sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103–127, 2006.
- MASSEY, Doreen. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.
- MASSEY, Doreen. **For Space**. Londres: SAGE Publications, 2005.
- MILLER, Daniel. **Materiality**. Durham/ London: Duke University Press, 2005.
- ORRMALM, Alex. Culture by babies: Imagining everyday material culture through babies’ engagements with socks. **Childhood**, v. 27, n. 1, p. 93–105, 2020.
- PANDINI-SIMIANO, Luciane. Medidas De Um Outro Olhar... Sobre A Materialidade Do Espaço Da Creche E A Constituição De Um Lugar Dos Bebês. **Education Policy Analysis Archives**, v. 22, n. 93, p. 1–11, 2014.
- QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 2, p. 631–644, 2010.
- RUTANEN, Niina. Space for toddlers in the guidelines and curricula for early childhood education and care in Finland. **Childhood**, v. 18, n. 4, p. 526–539, 2011.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 91, p. 361–378, 2005.
- SPYROU, Spyros. An Ontological Turn for Childhood Studies? **Children and Society**, v. 33, n. 4, p. 316–323, 2019. ISSN: 10990860. DOI: 10.1111/chso.12292.
- VIEIRA, Daniele Marques. **Imagens da experiência educativa de professores da educação infantil no espaço-ambiente do proinfância**. 2016. Universidade Federal do Paraná, 2016.